A CLASSE OPERÁRIA

ÓRGÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Nº 33 | Agôsto de 1969 | Ano IV

Leia neste número:

Manter o Rumo

No duro e heróico combate que trava o movimento popular brasileiro contra a intensa repressão da ditadura militar, podemos assinalar significativos êxitos e vitórias assim como a aquisição de riquíssimas experiências.

Entre os êxitos, cumpre destacar neste instante um, aparentemente pequeno, mas de enorme importância no processo de amadurecimento da revolução. Trata-se da perda de influência dos oportunistas e revisionistas, dos conciliadores e capituladores entre as fôrças de oposição popular. Com efeito, se observarmos atentamente o quadro da disposição de fôrças no campo da oposição popular, verificaremos que diminuiu bastante, estreitou-se muito, a área sôbre a qual podem influir os reformistas e revisionistas. Isto representa um avanço do processo revolucionário. Uma vitória cujo alcance não devemos subestimar.

Ligado a êsse, salientamos outro, também de enorme relêvo. Foi o da formulação de uma tática justa, flexível e ampla, que, sendo revolucionária, permitisse ao mesmo tempo à classe operária aglutinar o máximo de fôrças que pudessem ser aglutinadas e isolar os elementos oportunistas. Os revisionistas, como se sabe, a pretexto de amplitude, caíram no terreno da capitulação. Essa tática foi uma contribuição do Partido Comunista do Brasil que, em sua VI Conferência Nacional a aprovou, e desde então a vem aplicando, com vantagem para o movimento de oposição popular.

Sôbre as experiências, vale ressaltar uma que adquiriu o movimento revolucionário brasileiro. A de julgar, com acêrto, os momentos de ascenso e descenso da luta de massas, o da compreensão mais ou menos exata dos períodos de avanço e de recuo, dos períodos de calmaria e recuperação de fôrças e de tempestades. Essa experiência, com o transcorrer da luta, tende a aumentar e a generalizar-se.

Não obstante, há fôrças e elementos, mesmo em nosso Partido, que se inquietam e manifestam certo pessimismo e desânimo porque as ações de massas não estão em contínua ascensão. Em virtude dessa apreciação incorreta, caem ora na passividade ora na tendência a exaltar as ações individuais ou de grupos, isoladas das massas. Tais posições são erradas e não correspondem às lições de nossa luta e da luta de outros povos. Teòricamente é falsa e polìticamente nociva.

Ora, é evidente que a ditadura militar aplica uma política antinacional e antipopular, mostra-se incapaz de resolver qualquer dos graves problemas do país e isola-se cada dia mais do ponto-de-vista político. Também, em decorrência, torna-se claro que além de existir e aumentar, aprofunda-se o descontentamento popular.

Assim, na hora em que existe inegàvelmente um hiato no ascendente movimento de massas iniciado em 1968, como resultado da feroz perseguição das fôrças da ditadura, o dever das fôrças populares, sobretudo dos comunistas, é não perder o rumo. Devemos sustentar firmemente a bandeira da luta pela derrubada da ditadura militar, servi

(Continua na página 2)

Firme Campanha Salarial

Rio - (Do correspondente) - Os trabalhadores da Guanabara, atenazados pela política salarial da ditadura, acham-se empenhados num movimento, visando a superar neste ano o teto de fome imposto pelo Ministério do Trabalho. Os bancários, os trabalhadores da CTC, os metalúrgicos, os texteis e outros, contrariando as determinações ditatoriais, aprovaram índices de aumento salarial entre 35 e 50%, conforme relatamos em nossa correspondencia anterior. A campanha vem se desenvolvendo através de numerosas e concorridas assembléias, da formação de comissões de salário em cada sindicato e de conselhos sindicais nas empresas, bem como pela coordenação de esforços de vários desses setores para a ação conjunta.

As comissões salariais e os conselhos sindicais, compreendendo a importância da mobilização ampla e da luta organizada, empreendem ativa propaganda junto as massas, nos locais de trabalho, procurando esclarece-las e convocando-as para se incorporarem maciçamente ao movimento. Disto é que depende a vitória e não da boa vontade da Justiça do Trabalho ou dos patrões.

Em numerosos jornaizinhos e boletins editados pelas Comissões Sindicais, são feitas denúncias vivas e utilizados argumentos convincentes, sobre a situação das categorias em luta. Os funcionários do Banco do Brasil, por exemplo, demonstram, em "O Debate", que no período da ditadura militar, só no ano de 1968 é que os bancários conseguiram deter, um pouco, a queda do valor de seus ordenados. Isto porque se organizaram e manifestaram alguma disposição de luta. E mostram que enquanto o Banco do Brasil aumenta de ano a ano seus lucros (mais de 700 milhões de cruzeiros novos de lucros, em 1968), o salário real caiu do índice 100, em 1964, para 67,73, em 1969.

Mas a classe operária e as massas trabalhadoras voltam a revelar combatividade em suas ações. Haja vista, o espírito de decisão que presidiu a recente luta dos dubladores de filmes estrangeiros para TV. Após 15 dias de greve, os dubladores conquistaram a vitória de suas reivindicações. Êsse estado de animo infunde novo ímpeto a atual campanha salarial e indica grandes possibilidades de o movimento ganhar amplitude e vigor.

Em face disso, a ditadura alarmou-se e passou a adotar mais rigorosas medidas repressivas. Assim, foram presos numerosos bancários, trabalhadores da CTC, operários metalúrgicos e de outras categorias profissionais, os quais tiveram suas casas invadidas e depredadas pela polícia, e suas famílias maltratadas. Os presos estão sofrendo toda sorte de torturas.

Em suas constantes razias, a polícia também prendeu todos os componentes da chapa de oposição as eleições do Sindicato dos Alfaiates, a fim de impedir a derrota dos pelegos e a vitória dos que defendem verdadeiramente os interesses dos trabalhadores. É um abuso inqualificável.

Entretanto, com o fito de justificar suas arbitrariedades e violências, a ditadura tenta confundir a atividade dos trabalhadores presos com a suposta ação de terroristas, ação que a própria ditadura trata de noticiar espalhafatosamente por todo o país. Na realidade porém, com êsse novo ataque ao legítimo movimento operário, a ditadura procura de fato paralizar as lutas das massas trabalhadoras por seus direitos e reivindicações, impedir sua organização e impor, pela fôrça, sua política de fome. O efeito, no entanto, será contraproducente. Os trabalhadores e o povo não se deixarão intimidar nem enganar. Sentirão, ao contrário, maior ódio contra o regime de opressão e fortalecerão seu espírito de luta e sua capacidade combativa.

Por isso, o movimento continua. Não só incrementa-se a ação das comissões de salários, como também novas assembléias são convocadas. Ao mesmo tempo, avoluma-se a onda de protestos contra os desmandos da ditadura. Organiza-se a luta pela liberdade dos presos políticos e desenvolve-se a campanha de solidariedade às suas famílias. Em suma, longe de arrefecer sua luta, os trabalhadores cariocas dão nôvo e maior impulso à sua campanha salarial.

Continuação da primeira página:

çal dos imperialistas norte-americanos, por meio da guerra popular. E, simultâneamente, devemos saber ampliar e radicalizar as lutas de massas, preparar e desencadear a guerra popular.

Para levar à prática essas tarefas, impõe-se a adoção de um estilo de trabalho nôvo, revolucionário, assim como medidas de vigilância que impeçam nossas fôrças de sofrer, desnecessariamente, golpes do inimigo.

Comentário Nacional

Escárnio à Democracia

No ambiente de fortes censura imposta à vida nacional, fervilham as notícias sôbre crescentes divergências no seio do governo e de conspirações para depor Costa e Silva, notícias que expressam, sem dúvida, as ardentes aspirações de vastos setores da opinião pública contra a ditadura militar.

Existem naturalmente divergências entre os grupos ditatoriais e tendem a crescer entre êles as disputas pelo poder, na medida que aumenta o isolamento do govêrno e que se aproximam os prazos convencionados para a substituição de Costa e Silva. As fôrças democráticas devem estar atentas a essas divergências e saber aproveitá-las para impulsionar a luta do povo. Mas não esquecer que essas divergências são de detalhes e que entre as fôrças reacionárias há completo acordo quanto à natureza antidemocrática e antinacional do sistema instaurado em abril de 1964.

É preciso ter em conta ainda que a ditadura militar, para não haver engano sôbre o sentido real de sua política, procura esmagar a ferro e fogo tudo que há de honrado e digno neste país. Recorre a meios cada vez mais monstruosos para aterrorizar as massas populares. Golpeia em tôdas as direções e revela-se implacável com todos os que lhe caem nas unhas. Na Guanabara, o número de presos políticos eleva-se a um milhar. Em Pernambuco, já foram condenados mais de 160 democratas, com penas que vão, em alguns casos, a 25 anos de prisão. Também não se aplaca a sanha bestial dos militares na tortura e no assassinato dos prisioneiros. Organizam provocações e realizam verdadeiras caçadas humanas, em aparatosas operações contra supostos guerrilheiros e terroristas, que são apresentados como bandidos.

Não obstante, a ditadura insiste em apresentar-se como desejosa de estabelecer a normalidade constitucional. Para mistificar a opinião pública, para ajudar o trabalho dos semeadores de ilusões democráticas e para apaziguar os elementos de seu próprio círculo, que se manifestam temerosos sobre os riscos de se prolongar em demasia o atual estado de "anormalidade", Costa e Silva e seus parceiros continuam encenando a montagem de nova farsa democrática. Prometem vagamente por o fim ao recesso do Parlamento fantasma; promulgam atos complementares para o funcionamento dos dois partidos oficiais, já escoimados de qualquer sentimento de oposição e para eleições em diversos municípios; e, como suprema ignomínia, elaboram uma constituição a ser outorgada ao povo brasileiro. Além dessas manobras, a ditadura faz constar mesmo que a sua intensa atividade repressiva tem apenas o fito de castigar a "minoria" subversiva e de recalcitrantes inconformados. Finalmente, insinua que sofre a pressão de grupos de direita, que são contrários a qualquer "abertura democrática".

Dentro dessa linha, a ditadura vem promovendo "encontros de alto nível". Há pouco, realizou o encontro com os dignitários da Igreja Católica. E ultimamente, com os diretores dos jornais legais, através da Associação Brasileira de Imprensa. Êste encontro significou, na prática, a concretização de um acordo, sob a forma de uma homenagem ao Exército de Caxias, reacionário e antinacional. Falou, de parte da Imprensa, o jornalista Danton Jobim, adulando servilmente os algozes do povo. Pediu "mais ampla liberdade de informação e de debate" a fim de cumprir "as responsabilidades" derivadas do compromisso assumido que, conforme êle mesmo expressou, "se resumem em tudo fazermos para que o senhor presidente da República possa acelerar sem abalos a adoção de medidas que já vem tomando para a normalização da vida do país". Em nome da ditadura, pronunciou-se um dos seus pilares, o ministro do Exército, Lyra Tavares. Manifestou-se "grato" e satisfeito pelo ajuste e indicou que cabe à imprensa reacionária trabalhar no "fronte dos espíritos" a fim de que a ditadura possa "corrigir as suas já comprovadas vulnerabilidades" e fazer que o regime sobreviva no "futuro ainda incerto" com que se defronta.

Mas tanto as medidas da ditadura como os atuais acôrdos para a "normalização constitucional" representam uma fraude grosseira, um escárnio aos sentimentos e aspirações do povo brasileiro, que jamais aceitará viver privado de seus mais elementares direitos e asfixiado por uma camisa de fôrça que lhe querem impor os militares a serviço dos latifundiários, da grande burguesia entreguista e reacionária e dos imperialistas ianques. Muito mais rapidamente do que pensam os generais fascistas e seus amos, o povo livrar-se-á de seus opressores internos e externos e instaurará um verdadeiro regime democrático.

Camponeses Exigem a Terra

Porto Alegre (Do correspondente) - De 12 a 14 de julho próximo passado, não só a paisagem como o próprio ambiente político e social desta cidade apresentaram aspecto diferente. É que 800 delegados das organizações camponesas do Rio Grande do Sul realizavam seu 4º Congresso. Com suas roupas pobres, alguns descalços, os homens do campo davam novo colorido ao panorama citadino e demonstravam que o movimento camponês está vivo, atuante e pode revelar a qualquer momento toda a sua enorme potencialidade revolucionária.

As razões do Congresso

Que determinou e como ocorreu tal acontecimento, quase insólito, no clima de asfixia e terror reinante no Estado e no país? Em primeiro lugar, se explica porque os homens da ditadura estavam certos de que o 4º Congresso seria identico, no fundo, ao 3º Congresso, que atraira somente algumas dezenas de delegados e tratara de problemas de significação menor, como os dos preços para o porco, e semelhantes. Em segundo lugar, confiavam em que os camponeses, mesmo que viessem em maior número para o seu Congresso, aprovariam as medidas de reforma agrária anunciadas pela ditadura e dariam apoio aos decretos governamentais. Enfim, se explica porque os agentes da ditadura se achavam convencidos de que com a censura imposta aos meios de divulgação e com a política repressiva aplicada intensamente hoje em dia, não haveria perigo e bem poderiam aproveitar o Congresso para reforçar suas precárias posições e estender um pouco sua influencia.

Mas tiveram amarga decepção, a começar pelo coronel Peracchi Barcellos. Por isso, a imprensa, o rádio e a televisão, sob o imperativo da rolha, apenas noticiaram os pronunciamentos oficiais e silenciaram sobre os debates e as genuínas aspirações dos camponeses, que se exprimiram sem meias tintas contra o latifúndio e a política agrária de Costa e Silva.

O que moveu os camponeses e os fêz comparecer em tão expressivo número a Porto Alegre, foram causas diversas das que levaram as autoridades a permitir o Congresso. Desta feita, a questão predominante nos debates e nas resoluções foi a questão da posse da terra. Com sua presença, com suas vozes, com o desejo ardente manifestado da melhor forma que podiam, eles deram vida e injetaram sangue nos números frios das estatísticas, isto é provaram que o latifúndio existe como flagelo real, concreto, que deve ser extinto. Disseram, sobretudo, que estão contra o sistema latifundiário e que reivindicam urgentemente a execução da reforma agrária.

Latifúndio — causa da miséria

Com efeito, a terra está monopolizada por uma minoria de latifundiários, que vivem da exploração de centenas de milhares de famílias camponesas e de milhares de assalariados agrícolas. Além disto, o latifúndio é causa do baixo rendimento da terra, do enorme analfabetismo no campo, da crescente mortalidade, do baixo poder aquisitivo do povo, do desemprego, do sub-emprego, do regime de opressão reinante e de outros tantos males conhecidos no Brasil todo. Basta dizer que dos 513.000 imóveis rurais existentes no Rio Grande do Sul, 83.000 ocupam 67,3% do total da área do conjunto das propriedades. E não há mais terras devolutas, enquanto cresce o número de famílias sem terra. O IBRA revela também que 3.164 imóveis de área superior a 1.000 hectares possuem 27,5% da área total. É uma porcentagem inferior apenas em 1% a da área abrangida por 457.500 propriedades com área menor de 50 hectares. E a disparidade não se reduz a isso. Reconhece o IBRA, ainda, que nas atuais condições do Estado, uma propriedade menor de 45 hectares tem rendimento inferior ao salário mínimo vigente na região. Quer dizer, as terras estão cansadas e os agricultores não possuem recursos para aumentar seu rendimento. Por exemplo, se em 1920, o rendimento médio por hectare de milho plantado era de 2.000 quilos, atualmente é de 1.300 quilos. Outro tanto ocorre com o arroz, que caiu de 3.000 quilos, para 2.600 quilos. E assim por diante. Em virtude do monopólio da terra, o preço dos arrendamentos eleva-se constantemente e hoje corresponde de 15 a 20% do preço da terra. Isto significa que os arrendatários poderiam comprar a terra que arrendam em 5 ou 6 anos.

Em face dessa situação, está perfeitamente justificada a mobilização dos camponeses para o 4º Congresso e seu enorme interesse pelo problema da terra. O Congresso foi precedido por reuniões e assembléias preparatórias em quase todo o Estado. E os delegados escolhidos, na imensa maioria constituída de pequenos proprietários, representavam mais de 350 mil camponeses

çatos de trabalhadores rurais do Estado. Aqui devemos esclarecer que no Rio Grande do Sul estes sindicatos de trabalhadores ainda englobam mais camponeses proprietários do que propriamente assalariados agrícolas. O número destes no Congresso foi bastante reduzido.

"Carta de Reivindicações"

Nos debates travados, apesar dos esforços dos agentes governamentais para pautar os pontos-de-vista e cingir os trabalhos ao espírito legalista e reformista que a ditadura pretendia impor aos camponeses, estes acabaram rompendo essas limitações e as chicanas levantadas e fizeram ouvir suas exigências.

No final, foi aprovada a Carta de Reivindicações e de Ação dos Agricultores Gaúchos. Embora sem refletir de todo o estado de ânimo e os verdadeiros reclamos dos delegados e esteja imbuída de sentido reformista, a Carta não pôde deixar de exprimir muitos dos anseios dos camponeses. Assim, foi obrigada a afirmar que os camponeses não concordam em pagar juros e correção monetária pela terra dos latifundiários, conforme quer a ditadura, e que lamentam a "falta de decisão política do Govêrno e a não participação dos representantes sindicais dos trabalhadores rurais no processo reformista". A Carta exige "a execução urgente de uma Reforma Agrária autentica mediante a distribuição maciça de terras". Além disso, os camponeses exigiram direitos tais como o seguro social, livre organização sindical sem interferencia do Ministério do Trabalho, etc.

A Carta de Reivindicações serve de base para elevar mais ainda o nível das lutas dos camponeses e reforçar sua organização e unidade.

Mas, tanto os delegados dos camponeses como as fôrças populares e progressistas que compreenderam o significado político do 4º Congresso, recém-realizado, sabem que são enormes os obstáculos que a reação oporá, com o apoio da ditadura, para impedir que as massas de camponeses sem terra e com pouca terra obtenham o que pleiteiam.

Por isso, estão cada vez mais conscientes de que devem preparar-se sèriamente para ampliar e radicalizar suas ações.

> "A extinção do latifúndio e a destruição de tôdas as mazelas que engendra na economia e na superestrutura política e social do país possibilitarão às massas camponesas uma efetiva participação em todos os setores da vida nacional e condições reais para se libertarem do estado de miséria, ignorancia e opressão em que vivem. (...)"
>
> (Valter Pomar - A questão agrária no Brasil e a contra-revolução do Sr. Caio Prado Júnior)

Continuação da última página:

Lançando projeções para o futuro, em base simplesmente aritmética, diz Mc Namara na sua conferencia: "Dentro de seis séculos e meio... haveria um ser humano por pé quadrado de terra: um quadro de horror que nem O Inferno (de Dante) poderia igualar." Ora, nesses próximos seis séculos muitas coisas acontecerão sobre a Terra que não entram na vã aritmética gerencial do ex-secretário de Defesa dos EE.UU. Entre elas, o desaparecimento do capitalismo e o florescimento da Humanidade sob o sol do socialismo e do comunismo. O domínio do homem sôbre a natureza atingirá níveis imprevisíveis. E ninguém se lembrará do esforço digno de nota, em se tratando de um honrado burguês americano, de desencavar o grande poeta italiano para ilustrar sua visão catastrófica do futuro. Que só é realmente catastrófico para o imperialismo e a burguesia.

Panorama Internacional

Ameaça de Agressão

As premeditadas e crescentes provocações armadas dos revisionistas soviéticos contra o povo chinês culminaram, a 13 do corrente, com um ataque em maior escala a região uigur da província de Sinkiang, na fronteira da China com a União Soviética. Isto vem patentear e tornar mais grave a ameaça de uma agressão de vastas proporções do social-imperialismo soviético à China Popular. Isto indica a necessidade de todos os povos do mundo se unirem para combater o novo curso bandidesco do revisionismo soviético. Está em jogo a causa da independência, do progresso, da democracia e do socialismo para tôda a Humanidade.

Em sua lógica de refinados provocadores, os revisionistas juram que não atacaram a China e acusam os guardas fronteiriços chineses como os responsáveis pelos choques ocorridos. Mais uma vez porém, a fria análise dos motivos que determinaram essa nova agressão e da forma em que se deu, provam que os revisionistas soviéticos estão interessados nela, desejam ampliá-la e tiveram a iniciativa de todos os ataques perpetrados últimamente contra o povo chinês.

Na verdade, a União Soviética, sob a direção da camarilha krushovista de Brezhnev e Kossiguin, desde algum tempo, enveredou pelo caminho da volta ao capitalismo e da traição ao socialismo. Depois, aliou-se cada vez mais abertamente com o imperialismo norte-americano para combater a revolução, cercar e atacar a China, impedir a luta pela independência dos povos e repartir o mundo em esferas de influência dos Estados Unidos e da União Soviética. E a partir, principalmente, da invasão e da ocupação da Tchecoslováquia, o revisionismo soviético demonstrou que se transformara em social-imperialismo, isto é, sob a máscara do socialismo e do internacionalismo proletário, tomara o caminho da guerra e do fascismo.

A mudança da natureza do regime socialista na União Soviética e sua conversão num regime imperialista, expansionista e agressivo, assim como seu conluio contra-revolucionário e antipopular com os imperialistas norte-americanos, vinha sendo denunciado pelos marxistas-leninistas, sobretudo pelo Partido do Trabalho da Albania e o Partido Comunista da China.

Desmascarado em sua traição e também premido por contradições internas e externas insuperáveis, dos quais o enorme descontentamento reinante na Uniao Soviética e a magnífica resistencia do povo tchecoslovaco são provas evidentes, os revisionistas soviéticos acham-se em crise, entraram em desespero. Para êles, a China Popular não é apenas o principal obstáculo oposto à sua política de traição e expansionista. Representa, além disso, um vizinho que progride e se torna poderoso, que faz do socialismo triunfante uma verdadeira esperança de libertação dos povos. Tal situação torna-se insuportável para os social-imperialistas soviéticos. Em conseqüência, eles aprestam-se febrilmente para a guerra contra a China Popular e procuram desde já, provocá-la e intimidá-la.

Mas, da mesma forma que todos os lôbos imperialistas, os revisionistas soviéticos escondem suas garras, procuram apresentar-se como vítimas, apregoam seus objetivos generosos, socialistas e até arvoram-se em cruzados antiimperialistas e antinazistas. A ocupação da Tchecoslováquia e a formulação da teoria da "soberania limitada", que realizaram para garantir seus interêsses hegemônicos e de grande potência imperialista, revelam de quanto serão capazes os social-imperialistas revisionistas soviéticos.

Assim, não custa concluir que reside na atual política aventureira e agressiva dos social-imperialistas soviéticos o fator determinante das planejadas provocações armadas contra a China Popular. Seus desígnios sao criminosos.

Essa é uma ameaça que atinge não apenas o povo chinês, mas os povos revolucionários de todo o mundo. Sendo a gloriosa China de Mao Tsetung o mais importante e poderoso baluarte da luta dos povos contra o imperialismo norte-americano, o revisionismo soviético e as demais fôrças da reação, cabe a tôdas as fôrças progressistas denunciá-los e unir-se para combatê-los, prestando firme solidariedade ao povo chines.

Os povos, unidos, derrotarão os agressores e farão triunfar sua nobre causa.

Vôo Lunar e Propaganda Ianque

(x) A descida de dois astronautas norte-americanos na Lua deu ensejo aos imperialistas dos Estados Unidos para a promoção de intensa campanha de propaganda com vistas a efetivar seus planos de domínio mundial. Nos mais variados recantos da terra onde exercem influência, além das loas trombeteadas por seus lacaios, os serviços de divulgação do governo ianque estão financiando uma publicidade vastíssima e cara a fim de apresentar o feito espacial como signo da superioridade do capitalismo.

O atual ocupante da Casa Branca, Richard Nixon, apressou-se a declarar que depois da viagem à Lua, "o mundo não era mais o mesmo", que a humanidade se achava diante de "uma nova e imensa perspectiva". Com frases pelo estilo e no mesmo diapasão, os demais porta-vozes do imperialismo norte-americano se esforçam por demonstrar que a corrida espacial foi decidida com espírito de pesquiza pura, livre de qualquer interesse imediato, muito menos de objetivos militares. Sua finalidade suprema, asseveram, é a paz. Anunciam aos quatro ventos que o caminho aberto pelo vôo à Lua ajudará a combater a fome e a tirar da miséria milhões de sêres humanos. E não escondem a vanglória ao julgarem que o êxito alcançado significa um novo alento ao combalido sistema imperialista e um golpe contra o ascendente movimento revolucionário mundial.

Proclamam, ufanos: "Somos a raça superior. Devemos aproveitar psicològicamente nossa vitória e assumir decididamente nosso lugar de líder dos povos". Do ponto-de-vista político, acreditam que êste é o momento para enrijecer as posições e ditar com mais firmeza sua vontade não apenas ao povo vietnamita e ao povo chinês, como a todos os povos que lutam contra a exploração e a agressão norte-americanas. No campo da economia, já calculam com avidez o vulto dos negócios que realizarão e dos lucros que arrancarão de seus investimentos e do saque às riquezas dos outros países. E no terreno militar, que é o mais importante de seus objetivos, bradaram logo: "as vantagens militares começam a aparecer" ("New York Times"). Ao que acrescenta, esclarecedor, um general da Fôrça Aérea norte-americana: "Depois que o homem chegou à Lua podemos afirmar que é possível realizar qualquer tipo de missão militar vital em qualquer outro lugar com mais perfeição e menos despesas".

Na busca de vantagens políticas, Nixon andou agora pela Ásia, a exibir com palavras melífluas seu nôvo trunfo e a ver se consegue a rendição dos povos asiáticos, através da chantagem e da agressão. Mas com viagem à Lua ou sem ela, o que espera os imperialistas norte-americanos é a derrota. Os povos revolucionários da Ásia, sobretudo o glorioso povo chinês e o heróico povo vietnamita, conhecem de sobra a natureza do feroz imperialismo ianque para iludir-se com promessas ou intimidar-se com ameaças. A resistência do povo vietnamita triunfará, porque sua causa é justa. E armado com o pensamento invencível de Mao Tsetung, o povo chinês está cada dia mais unido e poderoso. Nada o fará abandonar a posição de apoio à causa revolucionária dos povos nem sua marcha triunfal para o comunismo.

Sem dúvida, o programa espacial, além de conseguir diversas e importantes conquistas no campo da ciência e da técnica, propicia principalmente enorme e nova fonte de lucros para os monopólios capitalistas dos Estados Unidos. Os 24 bilhões de dólares confessadamente gastos pelo govêrno americano apenas para o vôo da Apolo XI, foram generosamente distribuídos entre a Chrysler, a Bendix, a General Eletric, a Boeing, a North American, a IBM e outras emprêsas gigantes que dominam a economia norte-americana. Êstes monopólios efetuaram, às custas do povo americano e de outros povos que exploram, uma grande quantidade de pesquisas, de cujos resultados êles se beneficiarão em detrimento dos interêsses da imensa maioria da humanidade. Por exemplo, a utilização dos satélites de telecomunicações fêz surgir um gigantesco consórcio — o INTELSAT — que movimenta milhões de dólares por ano. E, como decorrência do vôo lunar, tôdas as emprêsas que operavam em função do projeto Apolo reduziram drasticamente suas atividades, despedindo milhares de técnicos e operários. Tanto assim que, dos 400 mil que trabalhavam nessas emprêsas em 1966, atualmente há menos de 200 mil. Tôdas as cidades que observaram certo progresso com a instalação de indústrias espaciais em suas áreas — Huntsville, Michoud, Saint Louis Bay e outras — encontram-se hoje pràticamente paralizadas e com grande número de desempregados. Mesmo quando Huntsville se expandia, tal expansão "recolocou os negros na parte mais miserável da cidade e afastou completamente os mais pobres de suas antigas moradias". Foi o que disse o Dr. John Cushin, líder negro local.

Portanto, a despeito da tremenda propaganda que empreendem os trustes imperialistas ianques e seus lacaios sobre a perspectiva de soluçao imediata dos problemas economicos e sociais da humanidade em virtude do pouso lunar, os povos rapidamente se dão conta da falsidade dessa propaganda. Se o voo a Lua assinala um espetacular avanço da ciencia e da técnica de nossos dias e descortina imensas possibilidades para o progresso da humanidade, torna também mais agudas as contradiçoes políticas e sociais existentes em cada país capitalista e entre as naçoes opressoras e as oprimidas. Revela, igualmente, com mais força, a iniqüidade da fome, da ignorancia, da tirania, da agressão imperialista, da exploraçao do homem pelo homem, que reinam sob o capitalismo.

Já antes da I Guerra Mundial imperialista, Lênin mostrava que "para onde quer que olhemos, a cada passo deparamo-nos com tarefas que a humanidade está perfeitamente em condiçoes de cumprir imediatamente. O capitalismo o impede, ao acumular montanhas de riquezas e transformar os homens em escravos dessas riquezas. Resolve os mais complicados problemas da técnica, mas freia a aplicaçao do progresso técnico para manter a miséria e a ignorancia de milhoes de seres pela avareza de um punhado de milionários" (Lênin — Obras — ed. russa, T. XIX, pag. 349).

Precisamente com o propósito de impedir que a humanidade possa resolver de pronto seus graves problemas e para conservar os homens como escravos, é que o imperialismo norte-americano lança-se como louco a corrida armamentista, da qual o programa espacial é parte integrante e decisiva. A verdadeira finalidade deste programa é a guerra e não a paz, como farisaicamente afirmam os arautos da reaçao. Basta ver que, dos 2 mil objetos colocados em órbita terrestre, por americanos e soviéticos, perto de mil são satélites de utilizaçao puramente militar e os demais também podem ser empregados com o mesmo fim. Os planejadores americanos, segundo anunciam os comentaristas especializados, já começam a estudar as possibilidades de utilizaçao da Lua como importante fator estratégico. Por uma simples "coincidência", o Marshall Space Flight Center, onde trabalham von Braun e outros antigos nazistas, fica dentro do Redstone Arsenal, que atualmente constrói os antimísseis Sprint e Spartan. Teve inteira razão o historiador norte-americano Lewis Munford quando disse que o programa de "paz" dos voos espaciais tem o mesmo nível da monstruosa hipocrisia da Força Aérea Americana, com seu lema "Nossa Profissão é a Paz".

Mas o imperialismo norte-americano, ao apregoar por todos os quadrantes sua superioridade e ao tentar impor sua vontade aos outros povos por meio da guerra, não faz mais que enredar-se em novas e maiores contradiçoes, apressando o seu fim inevitável. Os povos já estão compreendendo que para resolver as profundas contradiçoes sociais geradas pelo imperialismo e liquidar com a agressão e a guerra só existe um caminho: empenhar-se na guerra revolucionária, tornar vitoriosa a revolução, instaurar o poder do proletariado, edificar o socialismo e o comunismo.

Por isso, julgamos oportuno lembrar o seguinte ensinamento de Mao Tsetung: "O mundo progride, o futuro é radioso, ninguém pode mudar o curso geral da história. Devemos fazer com que o povo conheça sempre o progresso do mundo e seu luminoso porvir. Assim ajudaremos o povo a ter confiança na vitória" (Mao Tsetung - Obras escolhidas, Tomo IV - ed. em inglês).

Imperialismo e População

"O Estado de S. Paulo" publicou há algum tempo o texto de uma longa conferência proferida por Robert Mc Namara, na universidade católica norte-americana de Notre Dame, sobre a denominada "explosão demográfica". Trata-se de um tema que vem sendo abordado com insistência na imprensa burguesa. O ex-presidente Lyndon Johnson lançou mesmo uma campanha de âmbito mundial sobre o controle da natalidade. O conferencista é conhecido. É um homem de negócios que já dirigiu a empresa Ford. A seu respeito formou-se a imagem de um cérebro privilegiado, uma espécie de computador eletrônico de óculos. Essa publicidade — evidentemente dirigida — o apresenta como o gerente que salvou a Ford da falência. Com tais méritos, ocupou a Secretaria da Defesa dos governos Kennedy e Johnson, com a tarefa de salvar da falência a guerra imperialista no Vietname. Como se sabe, fracassou. Teve que deixar o ministério e hoje aplica a política do imperialismo numa área mais amena: o Banco Mundial, do qual é presidente. "O Estado de S. Paulo", com o seu habitual sabujismo diante de tudo que é norte-americano, já firmou, em editorial, a doutrina de que McNamara é um gênio. Êsse "gênio" tomou a si a tarefa de convencer um auditório católico de que a solução dos problemas da Humanidade reside na limitação dos nascimentos. O tema é atual para os católicos depois que o Papa, pelos seus próprios motivos, resolveu condenar a pílula anticoncepcional.

Qual é a argumentação de McNamara? "A miséria do mundo subdesenvolvido - diz êle - é uma miséria dinâmica, que continuamente se amplia e se aprofunda..." Depois de confessar, assim, o agravamento da situação dos povos da Ásia, África e América Latina, sob o domínio secular do imperialismo, passa a manipular com números. Considerando que o crescimento da população é o resultado da diferença entre os nascimentos e os óbitos e que em muitos países do "terceiro mundo" o grande número de nascimentos faz com que a população aumente anualmente a uma taxa de 3,5% ao ano, (McNamara) prevê que os 3 bilhões de sêres humanos que povoam a Terra subirão ao dobro nos próximos 35 anos. Como alimentar essa imensa população, se hoje já há menos alimento por pessoa, no mundo, do que há 30 anos atrás e "metade da humanidade sofre fome"? As crianças que vêm ao mundo nos países pobres, não só crescem subnutridas e deficientes como, ao chegarem à adolescência, são "esmagadas pelo desespero nascido da falta de trabalho suficiente". Cria-se o círculo vicioso: o país pobre precisa de grandes investimentos para manter em níveis de precária subsistência essa massa de sêres que nada produzem; o capital, que já é escasso por se tratar de país pobre, deixa então de ser aplicado em investimentos produtivos e, em lugar de desenvolvimento que possibilitaria emprêgo e melhoria das condições de vida, temos estagnação, retrocesso e miséria crescente.

Embora esgrima com categorias e premissas da economia política burguesa moderna, McNamara não diz, na verdade, nada de propriamente nôvo. Há quase dois séculos, quando o nascente capitalismo provocava na Inglaterra a miséria em massa, através da ruína dos pequenos produtores independentes que transformava em assalariados - na fase da acumulação primitiva do capital - um padre inglês, Malthus, desenvolveu a teoria conhecida por malthusianismo. Segundo êle, a Humanidade estava condenada à morte por inanição porque a produção de alimentos não aumentava na mesma proporção que a população. A primeira crescia em progressão aritmética e a segunda em progressão geométrica. A história comprovou que esta teoria era errada. A propósito do malthusianismo, Engels escreveu: "...a pressão da população não se exerce sôbre os meios de subsistência e sim sôbre os meios de emprêgo: a Humanidade é capaz de aumentar mais ràpidamente do que pode suportar a sociedade burguesa moderna. Esta é mais uma razão para declararmos que a sociedade burguesa é uma barreira ao desenvolvimento, e que ela deve cair. (...) Como o crescimento da população e o aumento dos meios de vida podem harmonizar-se? Partimos das premissas de que as próprias fôrças que criaram a sociedade burguesa moderna - a máquina a vapor, a maquinária moderna, a colonização em massa, os barcos a vapor, o comércio mundial (...), êsses próprios meios de produção e intercâmbio serão também suficientes para inverterem em curto prazo a relação, fazendo a capacidade produtiva de cada indivíduo crescer a tal ponto que êle possa produzir o suficiente para o consumo de dois, três, quatro, cinco ou seis indivíduos. Então a indústria urbana, tal como é hoje, poderá economizar gente bastante para entregar à agricultura fôrças algo distintas das que dispôs até agora; também a ciência terminará então por ser aplicada em grande escala à agricultura, com o mesmo aproveitamento que na indústria..."(Engels - Carta a F. A. Lange, em março de 1865).

A previsão de Engels confirmou-se integralmente. Hoje, a ciência e a técnica, mesmo nos países capitalistas que completaram, como tais, seu desenvolvimento, avançaram de tal maneira que ocorre, muitas vêzes, os agricultores, constituindo apenas mais ou menos um têrço da população, produzirem muito mais alimentos do que o consumo normal de todo o país. Nessas ocasiões, manifesta-se nos países capitalistas desenvolvidos a contradição indicada por Engels, típica da sociedade burguesa: embora milhões de pessoas passem fome nos EE.UU., por exemplo (conforme depoimento insuspeito de John Kennedy), o govêrno pagava aos agricultores para que deixassem de plantar trigo. A existência de excedentes agrícolas nos países capitalistas desenvolvidos desmente Malthus e, ao mesmo tempo, condena o capitalismo.

Por outro lado, nos países ditos subdesenvolvidos, o agudo drama da escassez de alimentos se deve ao fato de que nem sequer lhes é permitido um desenvolvimento capitalista "normal". O domínio do imperialismo limita, trunca e deforma este desenvolvimento. O imperialismo mantém também, nesses países, as características semifeudais da agricultura. Aliando-se, por razões economicas e políticas, a classe dos latifundiários, contribui para a manutençao do monopólio da terra pelos grandes proprietários, principal motivo da baixa produçao de alimentos. Esses fatores é que são a causa da fome nos países da Ásia, África e América Latina e não o excesso de populaçao. Os recursos naturais desses continentes são mais do que suficientes para assegurarem a alimentaçao de populaçoes maiores do que as atualmente existentes. E o desenvolvimento da ciencia e da técnica possibilita um aproveitamento praticamente infinito desses recursos, o que se tornará realidade na medida em que se libertem do imperialismo e dos latifundiários e tomem o caminho do socialismo.

A afirmação dos neo-malthusianos, como Mc Namara, de que são as despesas com as multidões de crianças famintas que impedem as sociedades pobres de pouparem capital para os investimentos no desenvolvimento economico, é visivelmente falsa. O custo social dos filhos dos pobres é mínimo, comparado com o custo da espoliaçao imperialista, do esbanjamento das classes ricas e com o desperdício determinado pelas deformaçoes da economia, mantidas ou introduzidas pelo próprio imperialismo. No Brasil, por exemplo, milhões de crianças vivem ou sobrevivem sem calçado. No entanto, a Ford do Sr. Mc Namara introduz aqui, aproveitando sobretudo recursos nacionais, carros de luxo, verdadeiros monumentos de desperdício de ferro e combustível, para uso e gozo de uma pequeníssima parcela de privilegiados. Por outro lado, as crianças pobres, sobretudo no campo, tornam-se muito cedo produtivas, na medida em que exista a menor oportunidade neste sentido. O que, no campo, significa: na medida em que suas famílias tenham acesso a terra.

Onde, porém, a falsidade e o farisaísmo da argumentação de Mc Namara se tornam transparentes é quando êste aborda o caso dos países onde há uma populaçao pequena em relaçao a área de terra, que é precisamente o caso do Brasil. Se a causa da miséria, do atraso e da fome reside em que a Terra está se tornando superhabitada, como aplicar esse raciocínio aos países onde há imensas reservas de terras desabitadas e inexploradas? O inefável porta-voz do imperialismo americano não se constrange. Diz que, se o "excesso" de habitantes é um mal, o "excesso" de terras desabitadas também é. Por que? Porque essas terras, para se tornarem habitáveis e serem exploradas demandam investimentos prévios de infra-estrutura (o palavreado da economia política burguesa serve para tudo) : estradas, habitaçoes, serviços sanitarios, etc. Os países pobres, por serem pobres, não tem capital para tais investimentos. Portanto, estao condenados a continuarem pobres, a não ser que apliquem a fórmula salvadora de impedir que nasçam mais crianças. Acontece que, como já foi objetado por vários publicistas que impugnam o neo-malthusianismo, no próprio país do Sr. Mc Namara as coisas não aconteceram assim. Uma das alavancas do desenvolvimento capitalista nos EE.UU. foi a ocupação dos territórios inexplorados a Oeste. E a ocupação do Oeste americano se fez sem prévios "investimentos de infra-estrutura" e sim sob o estímulo, principalmente, do acesso à terra (além da busca do ouro). Foi uma época em que a população dos EE.UU. aumentou aceleradamente, mediante inclusive uma numerosa imigração originária de países pobres da Europa, como a Irlanda. A ocupação das terras do Oeste tornou-as economicamente rentáveis e criou condiçoes para o surgimento de estradas, habitaçoes, etc. - e não o contrário. O mesmo ocorreu com a colonizaçao estrangeira (alemã e italiana principalmente) no sul do nosso país, iniciada em meados do século passado, em áreas desabitadas e que, por serem montanhosas ou cobertas de mato, não interessavam aos fazendeiros de gado. Essa colonizaçao se fez com despesas mínimas por parte do governo brasileiro. E gerou uma das regioes de mais acentuado desenvolvimento economico do país, desenvolvimento esse que hoje está em crise em decorrencia das limitaçoes da sociedade brasileira.

As teses de Mc Namara e dos neo-malthusianos sôbre os males do crescimento populacional visam a ocultar a verdadeira causa da fome no mundo e afastar os povos do bom combate contra o imperialismo americano. Constituem, assim, uma mistificaçao ideologica. Por outro lado, na medida em que se traduzem numa política orientada para forçar os explorados a não terem filhos (e inúmeras organizaçoes americanas atuam intensamente em nosso país nesse sentido), visam a enfraquecer o potencial revolucionário dos povos oprimidos, que tem no número uma das suas vantagens, do ponto-de-vista político e militar. E tem em vista também, certamente, a manutençao, sobretudo na América Latina, de vazios territoriais que facilitem a eventual ocupaçao norte-americana.

Quanto ao futuro da Humanidade sôbre a Terra, os marxistas, os proletários, os revolucionários são otimistas. "Estudiosos americanos, em 1952, provaram que, aquela época, com os recursos disponíveis, poder-se-ia alimentar 13 a 14 bilhoes de pessoas no mundo inteiro. Hoje, com o progresso da ciencia, esse número aumentou. Mesmo porque, atualmente, só 10% das terras aráveis do mundo são aproveitadas. ... A China aumenta a produçao de alimentos na proporçao de 8% ao ano" - lê-se em nota do próprio "O Estado de S. Paulo" de 27 de agosto do ano passado. O caminho a seguir é fazer a revolução, como na China de Mao.

(Continua na página 5)